



## **POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE TEATRO E EDUCAÇÃO INFANTIL**

Cindy Tomazelli da Cunha<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Neste trabalho seguem apresentados os resultados de uma pesquisa sobre a importância do teatro na educação infantil. Realizado a partir de pesquisa bibliográfica, primeiro buscou-se conhecer o próprio teatro, de forma histórica e conceitual. Em seguida, buscaram-se as relações possíveis entre o teatro e a educação, e por fim, os tipos de teatros que podem ser utilizados na educação infantil. Os resultados mostram uma estreita relação entre o ser humano e o teatro, utilizado inicialmente como forma de manifestação diante das divindades e dos heróis de cada povo e, em momentos posteriores, como forma de expressão social, sendo inclusive proibido aos cristãos durante longo tempo na Idade Média, o que indica o grande poder da linguagem teatral. Em relação à sua utilização na educação infantil, o teatro se mostra bastante promissor, desde que utilizado de forma a permitir que as próprias crianças o produzam com a supervisão do professor. Assim feito, o teatro na educação infantil amplia os limites e as possibilidades do desenvolvimento cognitivo, motor e social da criança, enriquecendo inclusive o trabalho do próprio professor.

**Palavras-chave:** Teatro, Educação Infantil, Desenvolvimento, Criatividade.

### **INTRODUÇÃO**

Tendo em conta o histórico e os conceitos sobre o teatro apresentados no capítulo anterior, este segundo capítulo busca aprofundar questões relacionadas à utilização do teatro na educação infantil.

#### **1. POSSIBILIDADES DO TEATRO NA EDUCAÇÃO**

Conforme Cabral (2012) o teatro exerce importante papel no desenvolvimento das atividades com crianças ou mesmo os adolescentes, atuando no desenvolvimento de suas habilidades físicas e de suas capacidades intelectuais. Em relação às habilidades físicas, entra

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP). Professora da rede municipal da cidade de São Paulo/SP.

literalmente em cena a expressão corporal, permitindo ao participante “soltar-se” de forma prazerosa diante dos demais colegas e dos professores.

No que tange às capacidades intelectuais entra em evidência o desenvolvimento da criatividade, da espontaneidade, da observação, da percepção e do relacionamento social; habilidades essas que são inatas no ser humano, mas que podem ou, muitas vezes, até mesmo precisam ser estimuladas.

Conforme ainda Cabral (2012), a arte da interpretação tem importante papel na vida das pessoas, representando o centro de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, sendo que esses processos se constituem no meio para o estabelecimento do equilíbrio entre o ser humano e o mundo à sua volta, isto é, o seu meio.

Conforme a autora, interpretar por meio do teatro significa ter controle sobre uma válvula de escape que pode servir tanto para os momentos de maior dificuldade na vida como também para os momentos de maior felicidade. Em outras palavras, interpretar pode ser a chave para se manter o perfeito equilíbrio emocional e também físico.

Além de Cabral (2012), também Reverbel (1989) ressaltam a importância da arte da representação teatral, quer para manter o equilíbrio acima mencionado, quer para ampliar os horizontes do conhecimento e do saber.

Segundo Reverbel (1989), o teatro é antes de tudo um caminho para as descobertas, para a ampliação das ideias e da reformulação das concepções que se tem da vida, isto porque a encenação envolve tanto quem assiste quanto, principalmente, quem a pratica, num trabalho conjunto em que se busca conhecer a história, a personagem e os enfoques discutidos. Para quem pratica, no entanto, isto é, para quem faz a encenação, essa busca por descobertas é infinitamente maior, assim como serão maiores também suas descobertas.

Conforme Slade (1998), ao ter contato com a linguagem teatral a criança se beneficia continuamente, a começar pela perda da timidez, muito comum em crianças e adolescentes, e a continuar pelo desenvolvimento da noção do trabalho em grupo, além do aumento da criatividade, visto que a linguagem teatral é algo que vai além daquilo que está expresso nos textos.

Ou seja, além de ter contatos com textos que normalmente não teria, a criança aprende também a dar nova vida aos textos, interpretando e reinterpretando-os à sua maneira própria. Desse modo, segundo o autor, a linguagem teatral permite ao ser humano tocar-se no seu interior, deixando marcas para o seu desenvolvimento global.

Assim, conforme Slade (1998), o teatro na sala de aula é um recurso de possibilidades infinitas e também de infinitas formas de aprendizagem, podendo ser utilizado em todas as disciplinas ou mesmo de forma interdisciplinar, o que, por sinal, é altamente recomendável.

Desse modo, conforme o autor, o jogo teatral é um grande aliado na relação professor-aluno e na relação ensino-aprendizagem, oferecendo suporte a construções diversas e variadas, desde âmbitos culturais até âmbitos políticos e sociais.

Nesse sentido, Slade (1998) destaca ainda o teatro como um excelente recurso para a diversidade cultural, permitindo às crianças contatos com crenças, ideias, e realidades diferentes daquelas a que estão acostumadas no seu mundo limitado.

A troca de opiniões e a encenação de personagens e situações diferentes daquelas a que está usualmente submetida, permite à criança um espaço de aprendizagem infinitamente maior que o possibilitado pelas formas pedagógicas tradicionais. Conforme o autor, a fuga do currículo pode trazer benefícios imensuráveis para o aluno e também para o professor, sendo que o teatro, assim como outras formas de manifestações artísticas, é sempre uma oportunidade para se fugir do currículo.

Consolidando suas colocações, Slade (1998) recorre aos estudos de Piaget e Vygotsky, entre outros, para mostrar que a representação teatral vai de encontro às teorias desses estudiosos, no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo do aluno, na sua formação enquanto ser humano e no auxílio à perda da timidez, além de proporcionar as crianças o contato com as diferenças e com o trabalho em grupo, lhe ensinando o respeito à vez do outro, entre tantos outros benefícios de âmbito cultural e físico, pois com o teatro a criança desenvolve sua voz, seu olhar, seus gestos, movimentos, equilíbrio, flexibilidade, expressão corporal e verbal, o que significa dizer que o teatro, além de ser prazeroso, é também rico em benefícios à educação.

## **2. REVENDO CONCEITOS NA RELAÇÃO TEATRO-EDUCAÇÃO**

Conforme expõe Saviani (1998), um dos principais fundamentos para a mudança na educação é a mudança nos conceitos, isto é, na forma como a educação é vista e nos modos como os projetos pedagógicos podem ser colocados em práticas.

O autor faz essa afirmação com base na sua análise da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), onde procura mostrar a insuficiência da lei diante da resistência ativa que é feita à mesma. Na verdade, segundo o autor, a resistência ativa é resultado de uma

resistência passiva, que ele entende como a passividade ou a inércia presente em cada indivíduo frente a mudanças.

Referindo-se de modo particular aos professores, Saviani (1998) mostra que essa inércia é a responsável pela ausência de mudança ou, pior ainda, pela mudança parcial ou desastrosa. Relacionando as palavras do autor com a aplicação do teatro na educação, o que se pode inferir é que o uso errado ou inadequado do mesmo como instrumento pedagógico pode fazer surtir efeito contrário ao desejado. Isto porque, nas palavras do autor, as artes são ainda contempladas sem a atenção necessária por parte dos responsáveis pela elaboração dos conteúdos programáticos de cursos para formação de professores alfabetizadores e de propostas curriculares para a educação infantil e ensino fundamental no Brasil.

Embora os objetivos da educação formal contemporânea estejam direcionados para a formação unilateral, quer dizer, multilateral, holística, total do ser humano, o ensino das artes na educação escolar brasileira segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e estudantes como supérfluo, caracterizado como lazer, recreação ou luxo, apenas permitido a crianças e adolescentes das classes economicamente mais favorecidas.

Somam-se às críticas acima as palavras de Peregrino e Santana (2012) que denunciam a utilização do teatro ou de outras atividades artísticas muito no plano da recreação ou, pior, como forma de preencher tempo vago nas escolas, do que como verdadeiro instrumento pedagógico.

Essa é, portanto, uma forma de resistência passiva que se transforma em resistência ativa, pois enquanto a passividade apenas impede a utilização das artes como instrumento pedagógico, a utilização inadequada das artes leva ao desvirtuamento dos propósitos pedagógicos, podendo causar mais prejuízos que benefícios, a começar pela transmissão à criança da ideia de que as artes são realmente coisas supérfluas, que só servem para fazer passar o tempo.

Ao uso assim praticado, tanto Saviani (1998) quanto Peregrino e Santana (2012) recomendam, com todas as letras, o não uso.

Ou seja, é melhor deixar como está do que arriscar um mal ainda maior. Recorrendo a Vygotsky, ambos os autores denotam a opinião desse estudioso de que se pode admitir as artes como um adorno à vida, mas que, no entanto, trata-se de um adorno essencial, tal como o ar que se respira.

A verdade é que as artes representam o centro de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade e que se constituem no meio para se estabelecer o equilíbrio entre o ser humano e o mundo nos momentos mais críticos e importantes da vida, o que eleva, sabidamente, o conceito de arte como algo muito além do que um simples adorno.

É necessário, portanto, primeiro uma revisão dos conceitos até o momento formados em relação às artes e, em especial, ao teatro, objeto deste trabalho. Essa revisão, conforme ressaltam Peregrino e Santana (2012), exige uma abertura rumo à compreensão de que a utilização do teatro na educação parte de uma familiaridade maior com os saberes tanto no campo da educação quanto no campo da arte teatral.

Ou seja, para a prática da educação são necessários saberes concernentes à educação, notadamente os saberes pedagógicos e psicopedagógicos, da mesma forma que para a prática do teatro, enquanto educação, são necessários saberes sobre o teatro, em todos os sentidos.

Voltando a Saviani (1998) tem-se que o ensino do teatro na educação brasileira existe desde o século XVI, mas que só foi formalmente implantado como forma de educação no âmbito dos conteúdos abrangidos pela matéria Educação Artística, a partir da Lei 5692/71, quando então foram abertos espaços para os estudos e as investigações a respeito das interrelações entre esta arte e a educação.

Observa o autor, no entanto, que o teatro surge como uma obrigação legal de ensino enquadrado dentro de uma disciplina geral para as artes, dividindo, obviamente, espaço com outras formas de manifestações artísticas e sofrendo restrições e resistências, tendo em conta a falta de preparo dos educadores e suas opções para formas de artes para as quais se julgavam mais capacitados ou identificados.

Peregrino e Santana (2012) apontam certo avanço no desenvolvimento de estudos sobre o teatro em nosso país, ressaltando, no entanto, que a parte dos estudos acadêmicos neste campo está concentrada no teatro em si ou então no teatro como veículo de formação de opinião ou coisa assim, enquanto que em relação ao teatro como instrumento pedagógico os estudos são mais escassos e usualmente apresentados quase que exclusivamente no plano teórico.

A teoria é fundamental, segundo os autores, enquanto tecem argumentos no sentido de que a prática do teatro na educação carecesse exatamente da prática, isto é, da visão do que pode ser feito e como pode ser feito. No entanto, os mesmos autores advertem para o risco de

se criar práticas metodológicas em detrimento de práticas que incentivem a criatividade e a inventividade tanto dos professores quanto dos alunos.

O problema, conforme se deduz das colocações de Saviani (1998) e de Peregrino e Santana (2012), está muito mais na postura do professor de educação infantil em relação à sua passividade ou sua resistência em relação às mudanças buscadas na educação, quer pela legislação, quer pelo consenso geral.

Uma postura passiva leva inevitavelmente a uma prática baseada em padrões metodológicos sugeridos, enquanto uma postura ativa tende a romper com esses padrões, tendo-os antes como ponto de partida, mas saltando em direção ao novo.

Teatro é criatividade, e criatividade é algo que está presente de forma natural e espontânea na criança. Conforme Saviani (1998) o professor deve favorecer a criatividade da criança e não atuar no sentido de limitá-la.

Peregrino e Santana (2012) também fazem afirmação nesse mesmo sentido, acrescentando, no entanto, que o professor precisa encontrar um meio apropriado de satisfazer tanto a criatividade quanto o currículo, de vez que ele não é um ser autônomo no seu trabalho.

Courtney (2001), juntamente com Mantovani (2012), não acreditam que haja muita dificuldade em fazer a conciliação dessas duas pontas da questão, pois é sempre possível adaptar novos recursos pedagógicos ao currículo, bem como adaptar o currículo aos novos recursos, valendo para tanto a criatividade do professor somada ao saber que o mesmo constrói sobre o campo de conhecimento em questão.

Assim, partindo do princípio de que primeiro é preciso saber o correto para depois se poder fazer alterações, fica claro que quanto mais o professor conhecer o teatro, em todos os seus aspectos, maiores serão suas possibilidades no sentido de criar e levar seus alunos a criarem propostas novas e diferentes para a prática do teatro na educação.

Sobre o saber, a improvisação e a criatividade, as colocações de Mantovani (2012) são esclarecedoras no sentido de mostrar a sistematização de uma proposta para o ensino do teatro, sendo de extrema importância no contexto atual, devendo obedecer, inclusive, à concepção de cursos formadores, não ficando restrita, portanto, a escassos trabalhos acadêmicos que trazem abordagens sobre a questão.

A autora cita Spolin (1992), que apresenta propostas nesse sentido, ambicionando libertar a criança, como ator amador, de comportamentos de palco mecânicos e rígidos, sendo que seus esforços resultaram no oferecimento de um detalhado programa de oficina de

trabalho com a linguagem teatral destinado a escolas, centros comunitários, grupos amadores e companhias teatrais, partindo de uma proposta pedagógica baseada na improvisação em teatro.

Mantovani (2012) ressalta assim a importância para o professor de educação infantil em se libertar de seus pressupostos sobre o teatro, buscando conhecimento sobre o assunto e, dessa forma, criar condições para se libertar também das propostas pedagógicas esquematizadas em metodologias muitas vezes descritas por quem está longe da realidade da educação infantil. Sem descartar a importância dessas propostas, a autora leva a compreender, no entanto, que as propostas surgidas da realidade do professor, da escola, da criança, e do meio onde de se encontram, são muito mais importantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A utilização de qualquer tipo de arte na educação é sempre uma possibilidade enriquecedora, quando feito na forma adequada. Assim, uso do teatro na educação infantil tem relações com diversos elementos cognitivos benéficos, tais como: memorização, criatividade, estímulo emocional, além de aspectos relacionados à socialização, entre diversos outros, que servem para enriquecer o desenvolvimento e o aprendizado da criança.

A leitura, um dos aspectos da educação, é muito importante como ferramenta de auxílio na tarefa de transmitir educação às crianças. Mas a leitura faz uso apenas do sentido da visão, enquanto que outras artes, como a música, a dança, o desenho, e o teatro, estimulam todos os órgãos dos sentidos e também a cognição, sendo, portanto, vantajoso, ainda mais quando se considera que a leitura é também parte dessas diversas formas de arte.

O teatro é coletivo por natureza, pois mesmo no teatro adulto, quando se pensa num monólogo, sempre há, além do ator, toda uma equipe de sustentação, a começar pelo autor do texto. Não se pode, no entanto, dizer que o teatro dispensa a utilização de outras formas de arte na educação, mesmo porque ele se complementa e serve de complemento para as demais formas. Mas pode-se considerar a importância do teatro quando visto como um elemento que se apropria da própria espontaneidade da criança. A criança gosta de brincar, de ouvir e contar histórias, de interpretar, dançar e tudo o mais; e tudo isso pode estar presente mesmo nas mais simples produções de teatro.

Nesse sentido, considera-se que o professor pode se valer do teatro como uma ferramenta de grande auxílio no seu trabalho junto à educação infantil, desde que se livre dos

pressupostos metodológicos e curriculares e pense no teatro como algo voltado para a criança e não para o mundo adulto.

As crianças, ao contrário, têm um mundo a descobrir, fazer de tudo para descobrir, e suas descobertas serão muito mais significativas quando não houver um adulto dizendo exatamente o que elas têm de saber.

O professor deve ser um palhaço, um artista de teatro, sempre pronto a mexer com a sua plateia, sempre pronto a improvisar, sempre acreditando que pode fazer diferente na próxima vez. Assim, diante de todo o exposto, conclui-se que a utilização do teatro na educação infantil é muito relevante, auxiliando desde o desenvolvimento motor até o desenvolvimento cognitivo. E como se trata de uma prática que envolve ações e interações entre os participantes, é um excelente meio para auxiliar na socialização da criança, afetando todo o processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Franciele; MEN, Liliana. **Teatro e educação: uma relação a ser redesenhada.** Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2778\\_1313.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2778_1313.pdf). Acesso em: 21 ago. 2016.

BRANDÃO, Junito de S. **Teatro grego origem e evolução.** São Paulo: Arte Poética, 1992.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, 2001a.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil.** Brasília, 2001b.

CABRAL, Beatriz. **O teatro na educação infantil.** Disponível em: <<http://pedablogao.blogspot.com/2010/02/o-teatro-na-educacao-infantil.html>> Acesso em: 21 ago. 2016

COURTNEY, R. **Jogo, teatro e pensamento: as bases intelectuais do teatro na educação.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

JAPIASSU, Ricardo O. V. **Repensando o ensino de arte na educação escolar básica: projeto oficinas de criação.** Revista de Educação do Ceap, Ano 4, n.12. 1996. p.42-8.

KOUDELA, Ingrid D. **Jogos teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

MONTOVANI, Rosana. **O teatro na escola.** Disponível em: <http://www.paulofreire.blogspot.com.br/2009/10/teatro-na-escola.html> . Acesso em: 21 ago. 2016.

PEREGRINO, Y. ; SANTANA, P. **Ensinando teatro:** uma análise crítica das propostas dos PCNs. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/pesquisarte/livro/5.html>.> Acesso em: 21 ago. 2016.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola.** São Paulo: Scipione, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **A resistência ativa contra a nova lei de diretrizes e bases da educação.** Princípios: revista teórica, política e de informação, São Paulo, n.4, p.66-72, dez./97-jan./98, 1998.

SERGIO, Ricardo, **A origem do teatro.** Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/194383>. Acesso em 21 ago. 2016.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil.** São Paulo: Summus, 1998.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1992.